





**A CIÊNCIA E A TÉCNICA EM SIMONE WEIL:
luz à vida humana ou traços da manipulação?**

Lucas Cardoso¹

 <https://orcid.org/0009-0004-2836-361X>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.1.8754>

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo principal demonstrar o pensamento filosófico da Simone Weil no que se refere à questão científica e técnica. Seria a ciência e a técnica um novo recurso capaz de elevar a dignidade humana ou mais um sistema de escravidão e perpetuação do poder? Tem-se como pano de fundo a opressão que esses saberes podem fazer aos seres humanos e a ideia de democratização do conhecimento por Simone Weil, com o intuito de fazer com que todos possam entrar em contato com o saber para assim evitar o controle e a dominação da “tirania dos intelectuais”.

Palavras-chave: Ciência. Técnica. Weil. Poder.

**SCIENCE AND TECHNIQUE IN SIMONE WEIL:
light to human life or traces of manipulation?**

ABSTRACT: The main objective of this research is to demonstrate Simone Weil's philosophical thinking regarding scientific and technical issues. Would science and technology be a new resource capable of elevating human dignity or another system of slavery and perpetuation of power? The backdrop is the oppression that this knowledge can cause to human beings and the idea of democratization of knowledge by Simone Weil, with the aim of ensuring that everyone can come into contact with knowledge in order to avoid control and domination of the “tyranny of intellectuals”.

Keywords: Science. Technique. Weil. Power

INTRODUÇÃO

O pensamento filosófico de Simone Weil é denso e o leitor contemporâneo que procura na filósofa algum aspecto de sistema de filosofia ou reflexões coesas e isentas de

¹ Bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina. Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Professor da Faculdade Metropolitana.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



contradições pode se frustrar. Isso porque a posição filosófica de Simone Weil é aberta e permeada por uma vivência. Ela escreve apenas aquilo que vive e admite que o objetivo da racionalidade humana não seja acabar com todas as contradições da existência. No que se refere à ciência e a técnica, a autora tem uma crítica inteligente e plausível de ser investigada.

Quais as verdadeiras intenções da ciência? Ela é um conhecimento que veio para melhorar a vida humana em todas as suas vertentes, ou ao contrário, é mais uma manobra de escravidão e controle social? Simone Weil, filósofa francesa, interessa-se inicialmente na sua pesquisa em filosofia sobre a ciência e a percepção. Sua intenção é perscrutar o conhecimento científico e ver se sua manifestação na vida humana tem realmente o desejo de melhorar a dignidade do ser humano ou se tem como sentido último o controle e manipulação pelos detentores do poder.

Simone Weil quer entender o motivo pelo qual a sociedade moderna é dividida entre os homens que conhecem a ciência e a técnica e os que não. O interesse do pensamento de Weil é defender a tese que aqueles que não conhecem, ou seja, que não têm as faculdades intelectuais exercitadas, que não conhecem a ciência e a técnica, são mais fáceis de serem controlados pelo sistema vigente. A opressão dos seres humanos, principalmente do trabalho fabril, perpetuar-se-á se o conhecimento científico não for partilhado para todas as pessoas, principalmente para os fragilizados pela força alienante dos seus contextos.

1 A CIÊNCIA PARA SIMONE WEIL

A modernidade é o momento histórico no qual o indivíduo não mais é controlado por um sistema religioso massivo, mas começa por si mesmo, na sua particularidade, a procurar os avanços para conhecer a realidade que se faz presente. Percebe-se que uma das principais características da modernidade é o constante desenvolvimento da ciência. Simone Weil (1909-1943), pensadora francesa, tem uma singularidade ao se questionar se a ciência, realmente, pode auxiliar o crescimento e desenvolvimento da sociedade ou se ela seria uma nova espécie de degradação.



Para Simone Weil, a ciência da modernidade é originada da ciência grega, mas enquanto a ciência grega se aproxima da arte, a moderna especializa-se na técnica (REY PUENTE, 2013, p. 194). Existe para Simone Weil uma contradição na ciência moderna, porque ela tenta fazer uma analogia do trabalho e da natureza, mas ao mesmo tempo tenta excluir desse trabalho o próprio trabalhador, pois “O erro dessa ciência é então aquele de considerar o homem como uma mera coisa entre outras coisas. Certamente ele é uma coisa, mas ele é algo totalmente diverso disso” (REY PUENTE, 2013, p. 199).

Simone Weil teve como primeiro interesse filosófico, o que foi a sua dissertação no curso de filosofia², a investigação sobre *a percepção e a gênese da ciência*. O objetivo de Weil era pensar se a ciência, verdadeiramente, é um conhecimento que traz a dignidade do ser humano ou, se ao contrário, ela traz consigo um novo tipo de escravidão (Martins, 2013, p. 51-52).

Aqueles que afirmaram até aqui que as aplicações são a finalidade da ciência pretendiam afirmar que não vale a pena buscar a verdade e que apenas importa o sucesso; a afirmação poderia, porém, entender-se de outro modo: é-nos possível conceber a ciência que propusesse como fim último o aperfeiçoamento da técnica, não de modo a torná-la mais poderosa, mas apenas mais consciente e mais metódica [...] Uma tal ciência seria em suma um método, para dominar a natureza ou um catálogo das noções indispensáveis para atingir esse domínio, dispostas segundo uma ordem que a tornasse transparente ao espírito. Foi sem dúvida assim que Descartes concebeu a ciência. Quanto à arte duma civilização, cristalizou nas suas obras a expressão deste feliz equilíbrio entre o espírito e o corpo, entre o homem e o universo, que apenas pode existir em ato nas mais nobres formas de trabalho físico, as obras de arte mais puras sempre exprimiram, aliás, mesmo no passado, o sentimento ou, expressando-nos de forma mais exata, o pressentimento de um tal equilíbrio. (WEIL, 2017, p. 103-104)

Simone Weil crítica o desequilíbrio moderno que se deixou conduzir por uma ciência enraizada na lógica mecanicista. Essa concepção da ciência fez o total desabrochamento dos sistemas totalitários da contemporaneidade. Ou seja, para Simone Weil, os sistemas totalitaristas têm sua gênese na visão mecanicista do renascimento (MAIA *apud* PONCIANO, 2021, p. 273). E a maior consequência desse conhecimento no século XX é o

² Ciência e percepção em Descartes (Science et perception dans Descartes”) título do trabalho acadêmico de Simone Weil. É um trabalho para concluir o curso na França, conhecido pelo nome de *agrégation* (MARTINS, 2013, p. 51).



nascimento de uma cultura intelectual restrita, numa ciência para grupos privilegiados, orientada pela técnica, torna-se um saber pragmático e no alcance de pessoas privilegiadas (MAIA *apud* PONCIANO, 2021, p. 273).

A filosofia weiliana travará uma luta contra o monopólio do conhecimento, isto é, um saber restrito a um grupo pequeno de pessoas. Deve-se acabar com a “cultura dos sábios” que privilegia uma parcela da sociedade, fazendo-os perpetuar na posição do poder do controle. Igualmente como seu mestre, Weil compreendida que o saber científico vai muito além do senso comum, porém não significa que esse conhecimento não deva ser democratizado para todos e não para grupos específicos de intelectuais (PÉTREMENT, 1999, p. 120-121)

Simone não se contenta com os discursos sobre a democratização do conhecimento, mas a mesma se esforça para realizar tal ação.

Simone, quando terminou a faculdade de filosofia, foi ser professora no liceu de Puy (1931) e foi sempre muito atormentada pelo anseio de querer levar o conhecimento a todos, a começar pelos operários, a classe mais oprimida e mantida na ignorância do seu contexto. Nos momentos de folga, ia para o meio dos operários ensiná-los gratuitamente. Acreditava que a falta de conhecimento deles era um meio de fazer com que fossem mais dominados e aceitassem a opressão sem grandes questionamentos, pois lhes restava apenas trabalhar mecanicamente para sobreviver. Todo um mundo e mercado econômico dependentes do trabalho deles eram desconhecidos pelos próprios operários. Então, Simone trabalhou duro para democratizar o conhecimento e retirar os trabalhadores da alienação. Já em Puy, teve o desejo de unir trabalho intelectual e trabalho manual. Começou a pensar em como poderia fazer uma experiência concreta de trabalho manual. Queria participar da vida operária. Nas férias, lançou-se em alto mar com pescadores para trabalhar com eles. Na embarcação, dava-lhes aula. (MARTINS, 2013, p. 53)

O não acesso ao conhecimento fazia com que os operários tornassem-se “dóceis” ao discurso alienante de uma parcela da sociedade³. O pensamento e o corpo são alvos fáceis quando não se tem um saber crítico para combater esse tipo de controle do sistema

³ Simone Weil (1991, p. 140) afirma: O homem de hoje encontra-se subordinado à máquina. Os donos das máquinas são os donos dos homens e da natureza. Escolheram bem ao se tornarem executores dessa opressão.



fábrica. Simone dedicou suas forças para que os operários tivessem um mínimo de compreensão sobre o que realizavam⁴.

Não somente isso, para Simone Weil um dos possíveis motivos que colocou a ciência para grupos privilegiados longe do pensamento comum, foi o desenvolvimento da matemática. Entre os anos 1929-1930 Weil tem a noção que o desdobramento da álgebra acarretava cada vez mais o afastamento da ciência da experiência humana cotidiana (VILELA-PETIT, 2009, p. 118-119).

Foi a álgebra que fez da ciência um instrumento de pensamento independente, independente dos indivíduos, um pensamento que, pela sua massa, lhe escapa, uma espécie de máquina que só a comunidade tem à sua disposição. Precisamos de uma ciência que seja impossível separar dos homens. E a ciência poderia até existir se, em vez de usar a álgebra como meio de conhecimento, um método baseado na *analogia*. (PÉTREMENT, 1997, p. 369, grifo do autor)

A aluna de Alain⁵ não somente criticará a especialização de separar o trabalho científico de toda questão espiritual, mais também se empenhará em questionar os diversos desdobramentos da álgebra com a geometria (VILELA-PETIT, 2009, p. 119). A motivação de Simone Weil é realmente fundamentar bases para o desenvolvimento de uma nova civilização. Uma sociedade que olhe para o ser humano não como um meio, mas como um fim.

Parece-me que tudo o que se passou nos últimos três séculos poderia, caso se queira, ser resumir a isso que “*L’aventure de Descartes a mal tournée*” (a aventura de Descartes acabou mal). Donde se conclui que algo falta ao Discurso do método. Quando se comprara as *Regulae à Gemotria*, sente-se bem que muito está realmente faltando. [...] Para mim, eis a lacuna que, segundo creio, aí se encontra. Descartes não descobriu um meio de impedir a ordem, uma vez concebida, de se tornar uma coisa ao invés de uma ideia. A ordem se torna uma coisa, me parece, desde que se faça de uma série uma realidade distinta dos termos que a compõem, já que é exprimida por um sinal: ora, a álgebra é isso mesmo, desde o início (*desde Viète*). Só há uma maneira de se conceber uma série sem a desconectar dos termos, e isso é a analogia. (WEIL *apud* VILELA-PETIT, 2009, p. 128)

⁴ Para Simone Weil deve ter alguém que possa traduzir o saber científico numa linguagem mais simples a fim de que todos possam entender principalmente os operários, que eram aqueles que faziam girar a economia vigente, mas não entendiam nada do seu papel socioeconômico no contexto do trabalho na sociedade e da máquina que operam. (MARTINS, 2013, p. 52)

⁵ Pseudônimo de Émile Chartier que foi professor de Simone Weil, Merleau Ponty, Jean Paul Sartre, etc



O desenvolvimento da ciência e da matemática para Simone Weil é um fator importante para a modernidade, mas que ao mesmo tempo acaba caindo em uma problemática entre aqueles que possuem o saber e aqueles que não têm acesso a esse conhecimento. René Descartes foi admirado por Simone, mas a pensadora questiona as lacunas dessa filosofia no que se refere à divisão da dificuldade que acaba resultando na fragmentação do pensamento e do corpo do proletário.

2 A TÉCNICA E A DEMOCRATIZAÇÃO DO SABER EM SIMONE WEIL

Simone Weil é uma particularidade filosófica que não é muito conhecida nas academias de filosofias, principalmente, no Brasil. Mas a sua escrita, bem como sua congruência entre *pensamento e vida*, mostra que é uma autora de primeira grandeza e que suas reflexões também giram em torno do fenômeno da técnica e a opressão que pode se resultar deste saber.

Não resta dúvida que a filosofia de Simone Weil é composta por um engajamento político. Seu modo de filosofar está intrinsecamente imbricado na ação que, por sua vez, revela o tipo de militância que ela exerce, militância esta que pode ser traduzida não pela luta de um partido e suas pautas, mas pela luta da dignidade daqueles que se encontram à margem, exilados, despidos de todos os direitos, os quais, por essência, qualquer humano deveria ter (PONCIANO, 2021, p. 266)

Quando se pensa no mundo da técnica no ambiente filosófico, lembra-se primeiramente dos escritos de Heidegger. Todavia, 10 anos antes de Heidegger dissertar sobre a técnica, Simone Weil já tinha escrito considerações a respeito deste fenômeno (REY PUENTE, 2013, p. 193). Neste texto não será feito a análise de como ambos pensam a técnica, que por mais profícuo que possa ser, limitaremos apenas na perspectiva filosófica da francesa Simone Weil. No texto “*La scienet nous*” Simone Weil faz a seguinte relação

Assim como a ciência clássica é essencialmente aparentada à técnica, do mesmo modo a ciência grega, ainda que tão ou mais rigorosa, ainda que não menos aplicada a perceber necessidades de todos os lados, é essencialmente aparentada à arte e sobretudo à arte grega. (WEIL *apud* REY PUENTE, 2013, p. 193)



O ponto central dos questionamentos de Simone Weil a respeito da técnica e da ciência é que se determinado grupo é privilegiado por esse saber e, esse conhecimento está a serviço não da vida, mas como a perpetuação de um poder – o estatuto do dominador – é perigo e pode tornar-se desumano (PONCIANO, 2021, p. 274). Sabe-se que a primeira metade do século XX a humanidade estava embarcada em movimentos catastróficos para o ser humano⁶. O poder nas mãos de um grupo privilegiado pode acabar degradando a dignidade de outros indivíduos. Simone Weil não somente escreveu para tentar evitar tais situações, mas procurou estar ao lado daqueles que sofriam o poder da opressão (SANTOS, 2021, p. 21).

Simone Weil travava uma luta pela democracia do saber. A falta do conhecimento pode fazer com que a dominação torna-se irreversível, fazendo com que os seres humanos virem coisas e escravos de um sistema movido pelo interesse de alguns em detrimento de outros.

Com o intuito de democratizar o conhecimento, isto é, fazer com que todos possam ter acesso ao conhecimento, Weil vai levantar uma luta contra a tirania dos intelectuais: Por meio de suas aulas e sua profunda ligação com movimentos relacionados às reivindicações operárias. Weil preocupava-se com a educação e formação dos proletários. Era a classe mais excluída e esmagada pelo poder da época. Isso mostrava sua ânsia de levar o saber para todos, principalmente para aqueles que eram excluídos por causa da ignorância do seu contexto (MARTINS, 2013, p. 53).

Weil faz as seguintes considerações:

Os termos de opressores e oprimidos, a noção de classes, encontram-se bem próximo de perder o seu significado, a tal ponto são evidentes a impotência e a angústia de todos os homens perante a máquina social, tomada máquina de quebrar ânimos, de esmagar espíritos, máquina de produzir a inconsciência, a estupidez, a corrupção, a debilidade e, acima de tudo a vertigem. A causa deste doloroso estado de coisas é bem clara. Vivemos num mundo onde nada existe à medida do homem; entre o corpo do homem, o espírito humano e as coisas que constituem atualmente os elementos da vida humana, a desproporção é monstruosa; tudo se encontra em desequilíbrio. (WEIL, 2017, p. 109)

⁶Além de se apresentar como um momento histórico em que aconteceram as duas guerras mundiais, esse século também foi palco de outros eventos catastróficos, tais como: a Guerra Civil espanhola, a bomba de Hiroshima e as guerras do Camboja e do Vietnã (BINGEMER, 2007, p. 13)



A intelectualidade vivenciada por Weil foi entrando em contato com as realidades da opressão e da injustiça, e as consequências que isso faz com os seres humanos, principalmente com os homens e mulheres operários que eram esmagados pelo submundo do sofrimento. Os operários sabiam fazer seu ofício e eram inteligentes, mas uma sabedoria não florescida pela exigência do trabalho. O poder pode ser usado para oprimir, concluiu Simone Weil (MARTINS, 2013, p. 57).

Não satisfeita em conhecer teoricamente a opressão e a injustiça, Weil saiu do ambiente acadêmico e vai viver como operária abandonando o liceu em 1934⁷. Quis ter suas próprias referências daquilo que o império da força pode fazer com a alma e com o corpo do ser humano. Compreende-se que Weil tem uma profunda solidariedade com os oprimidos, com as vozes não ouvidas, e ir para a fábrica era o resultado da sua total coerência entre vida e pensamento. Estando com os sofredores, a pensadora partilha o mesmo sofrimento que eles (MARTINS, 2013, p. 143-144).

Em sua breve vida, Simone Weil não se limitou apenas em chorar a desgraça dos miseráveis; de fato, ela viveu sem jamais se poupar o que Rousseau reconheceu ser o mais próprio do humano: quando optou pela vida operária e camponesa, quando lutou na guerra civil espanhola ou por sua disposição e coragem para enfrentar os maiores riscos [...]. Em todas essas situações, ela foi muito além das lágrimas: literalmente, *colocou-se no lugar* dos mais desvalidos neste mundo, sofrendo a sua dor. (MORAIS, 2011, p. 68, grifos do autor)

Simone Weil após estar trabalhando como operária, percebeu que a experiência na fábrica era mais degradante do que imaginava. Chegou a trabalhar em menos de um ano em três fábricas: Alsthom, Carnaud e Renault. Não aguentou o peso e as exigências que tais funções exigiam. Mesmo sendo um curto período como operária, ele foi o suficiente para

⁷ Bingemer (2007, p. 44) ressalta que Weil não foi para a fábrica para satisfazer um capricho pessoal. Ela quis fazer essa experiência para estar em contato com os problemas dos oprimidos, daqueles que não têm justiça e vivem na opressão e violência. Não somente isso, Baltasar (2012, pp- 46-47) nos esclarece que: Para a filósofa, como para Alain, embora não fosse tão radical como a sua aluna, a ação e a experiência estão na raiz da verdade. [...]. A experiência aparece como o “conceito orientador” em sua filosofia e seu “pensamento inteiro é entendido apenas como desenvolvimento discursivo de experiência”. Gabriela Fiori usa o termo “empirismo” sobre esse aspecto filosófico: “É o empirismo próprio de Simone Weil, um empirismo que não é jamais um experimentalismo, mas uma participação desapegada”. A experiência liga a filósofa à realidade, à verdade, a liberta da ilusão; ela tem, portanto, para Simone Weil, um valor objetivo.



Weil perceber filosoficamente o que o trabalho não consciente pode fazer com o ser humano, a dor e o sofrimento na sua função mais desenraizadora: o “*malheur*”.

O “*malheur*”⁸ será considerado como um desenraizamento da existência, quando sujeito perde suas características fundamentais (física, psicológica, social, etc) e entra em um processo de perder sua própria condição de “ser humano” (MARTINS, 2013, p. 204). “Simone Weil mostra a desgraça muda, o cansaço, o medo, a humilhação, a angústia, e a morte das faculdades mentais, isto é, o desenraizamento operário [...]” (PEREZ, 2009, p. 81).

Simone Weil chegará afirmar que a violência reduz o ser humano a uma coisa. O ser humano frente a uma autoridade potente torna-se manipulável e os donos do poder estão sempre aptos para tira-lhes a dignidade humana e fazê-los mais manipuláveis possíveis (BINGEMER, 2007, p. 88). É nessa condição, isto é, da experiência do sofrimento humano na sua condição de desenraizamento, ou seja, do “*malheur*”, que Weil encontrará um caminho para uma filosofia mística⁹.

Para ela, a filosofia se fazia na ação. Tanto que tudo o que pensou intelectualmente experimentou com o próprio corpo. Neste sentido, compreende-se a mística como caminho para a superação dos fundamentos e das injustiças. Um exemplo dessa unidade mística trabalhando como operária em uma fábrica, em solidariedade aos trabalhadores oprimidos, ou seja, os mais vulneráveis. (SERRATO, 2022, p. 115)

⁸ De acordo com Valle e Bueno (2019, p. 85): É pertinente, portanto, reconhecer que a experiência weiliana do sofrimento se desmembra no *malheur*, definido por ela como um desenraizamento integral da vida humana, acometendo todas as faculdades do sujeito e concretizando o processo de despersonalização infernal implicado pela *violência* no contexto do império da *força*.

⁹ Simone estava marcada pelo *malheur* de uma vez por todas, na carne e na alma. E não esperava mais nada. No instante da experiência mística, foi tomada por Cristo, e seu retorno teve um claro conhecimento: o cristianismo é a religião dos escravos, dos pobres e dos infelizes. Simone Weil passou a perceber que toda a sua vida voltada para os desfavorecidos era uma atitude cristã, que chamava de justiça. Ao mesmo tempo, a verdade se tornou clara pela revelação da graça [...]. Nesse sofrimento, que não é algo meramente físico ou psíquico, mas é *malheur*, pois afeta todas as dimensões da existência humana e a despedaça, encontra-se com a verdade em Cristo que “ama aquele que prefere a verdade, pois antes de ser Cristo, ele é a verdade”. A verdade revelada no instante do além do tempo e do espaço leva Simone a se voltar ainda mais com força para os desvalidos, pois com eles está Cristo e ela também deve continuar. Simone Weil, a partir desse momento consciente da luz que a guia, amou ainda mais os *malheureuse*, isto é, os “desventurados”, marginalizados, excluídos, pobres e sofredores. Percebemos a questão da experiência da graça e da pobreza se encontrando. O encontro com Cristo a levou a amar Deus e se dar conta de que esse amor se concretiza e se completa no amor ao próximo, especialmente aos pobres. (MARTINS, 2013, p. 143-144)



Percebe-se que Simone Weil tem uma sensibilidade para com aqueles que estão distantes do poder estabelecido. O conhecimento técnico/científico deve estar a serviço da dignidade humana e não fundamentar uma ontologia que tenha como estatuto a perpetuação de um poder dominador. O pensamento weiliano mostra que a ciência e a técnica não devem estar restritas a um grupo, mas estar aberto para os demais, pois o monopólio do saber pode fazer com que o conhecimento escravize o próprio homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone Weil é uma das pensadoras que não é muito conhecida, mas que sua filosofia e pensamento não para de crescer na contemporaneidade, apesar de ser denso e superficialmente paradoxal. O que é necessário entender é que sua forma de conceber a filosofia não é um saber que fica restrito nos muros da academia, mas uma filosofia que se volte para a vida, para solucionar os problemas inscritos na existência concreta do ser humano.

No que se refere a questão da ciência e da técnica, Weil percebe que aquele que possui o conhecimento técnico é aquele que ao mesmo tempo possui o poder e a dominação. Deve-se refletir se realmente a técnica e a ciência seria um novo saber que melhoraria a vida humana ou, ao contrário, se tornaria um novo tipo de escravidão e perpetuação do poder.

O pensamento de Simone Weil é claro: deve-se retirar o monopólio do conhecimento de um grupo que possa se privilegiar com tal situação. Todos devem ter acesso ao conhecimento e ao saber. Porque a ausência deste é o resultado do controle dos corpos e da alienação.

No sentido de democratizar o saber, Weil se solidariza com a classe mais rebaixada à sua época, ou seja, os proletários e vai ensiná-los para que não se tornem escravos de um sistema opressor. A filósofa não somente ensinou a eles o conhecimento, mas trabalhou e sentiu na sua pele o poder que a opressão do poder pode fazer com a dignidade do ser humano.



*A ciência e a técnica em Simone Weil: luz
à vida humana ou traços da manipulação?*

CARDOSO, L.

Portanto, antes mesmo de Heidegger dissertar sobre a técnica, Weil já tinha suas considerações e sua inteligência percebeu que este fenômeno pode se tornar cada vez mais a perpetuação de um poder e fundamentar a opressão e não a melhoria do ser humano.



REFERÊNCIAS

BINGEMER, M, C, L. **Simone Weil**: a força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. (Gênero Plural)

MORAIS, E, M, M, D. *Vitam impedere vero*: elo entre Rousseau e Simone Weil. In: Bingemer, M, C, L; Puente, F, R. (Orgs.). **Simone Weil e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2011.

MARTINS, A, A. **A pobreza e a graça**: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013.

PETREMENT, S. **A vida de Simone Weil**. Madrid: Editorial Trotta S.A, 1997.

PEREZ, E, B. Simone Weil: esperar na ausência de esperança. In: Bingemer, M, C, L. (Org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-rio: Paulinas, 2009.

REY PUENTE, F. **Exercícios de atenção**: Simone Weil leitora dos gregos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PONCIANO, J, V. SIMONE WEIL: UM ESPÍRITO MARCADO PELO DESCONTENTAMENTO E PELA COMPAIXÃO. In: BRÍGIDO, E. PONCIANO [Orgs.]. **A revolução do pensamento feminino**: epopéia de novos tempos. v. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, 317 p.

SANTOS, K, J, D. **Simone Weil**: por uma filosofia compromissada com a vida e a compaixão. 1. ed. Curitiba:Appris, 2021. (ciências sociais)

SERRATO, A, C. **Simone Weil**: civilização da espiritualidade do trabalho. Revista síntese de filosofia. Belo horizonte, v. 49, n. 153, p. 113-128. Jan;abril, 2022. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/5034>>

VILELA-PETIT, M, D, P. A crise das ciências segundo Simone Weil e Edmund Husserl. In: BINGEMER, M, C, L; REY PUENTE, F. (Orgs.). **Simone Weil e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2011. p. 115-130.

VALLE, B; BUENO, D, B. **Simone Weil**: ser e sofrimento. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. (ciências sociais)

VETO, M. **Simone Weil e a história da filosofia**. In: Bingemer, M, C, L; Puente, F, R. (orgs.). **Simone Weil e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-rio: Loyola, 2011.

WEIL, S. **Aulas de filosofia**. Tradução de Marina Apprenzeller. Campinas-SP: Papirus, 1991.



*A ciência e a técnica em Simone Weil: luz
à vida humana ou traços da manipulação?*

CARDOSO, L.

WEIL, S. **Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão.** Tradução de Maria de Fátima Sendas Nunes. 1 ed. Portugal-Lisboa: Antógona, 2017.

Recebido: 14/02/2024

Aprovado: 02/07/2024